

O Sino

Narrada por Eesha Sardesai

O dia terminava. O sol estava suspenso logo acima do horizonte, sua luz tinha o brilho mesclado de rosa e dourado sobre a vasta extensão de terra que tinha se tornado, nos últimos dezoito dias, o campo de batalha de Kurukshetra. A atmosfera estava calma, de um jeito quase sobrenatural, um contraste evidente com os eventos dos dias anteriores. Uma grande guerra acabara de ser travada nessa terra — uma *dharma yuddha*, uma guerra para defender o dharma, o ápice de uma luta feroz entre a luz e as trevas, a virtude e a maldade, que definiu o *Mahabharata*.

Os Pandava — os cinco irmãos que reivindicavam legitimamente o trono pelo qual a guerra tinha sido travada — saíram vitoriosos sobre os Kaurava, seus próprios familiares, seus parentes que tentaram usurpar esse trono. A vitória dos Pandava foi um triunfo inequívoco da justiça, porém não veio sem perdas e sacrifícios consideráveis.

Um dos irmãos Pandava, o poderoso guerreiro Arjuna, caminhava agora através do campo de batalha. Com ele estava Shri Krishna, o Senhor encarnado, que havia dirigido a biga de Arjuna durante a guerra.

O rosto de Arjuna estava pálido e exaurido enquanto ele inspecionava os arredores. Em alguns lugares, a poeira literalmente ainda não tinha assentado; formava nuvens que pairavam sobre os destroços, misturando-se com as cinzas das piras improvisadas que ardiam de tantos em tantos metros.

Eles passaram por uma biga que tinha tombado para o lado. As rodas estavam estilhaçadas, os raios se projetavam em todas as direções. Uma

bandeira, que devia ter tremulado orgulhosamente sobre a biga, agora pendia de um mastro torto, frouxa e rasgada.

Arjuna não conseguia conter sua aflição.

— Ó Krishna — disse ele, com a voz rouca de emoção — eu ouvi você. Fiz o que você disse e lutei nesta guerra.

Arjuna se referia ao que tinha acontecido pouco antes de a guerra começar. Naquele momento, a dúvida havia se infiltrado em sua mente; ele ficara angustiado com a perspectiva de lutar contra a própria família e se tornara cada vez mais obstinado em sua resistência. Durante dezoito capítulos de versos e sabedoria que se tornariam a *Shri Bhagavad Gita*, o Senhor Krishna tinha lembrado a Arjuna sobre seu dever. Com cada ensinamento que Krishna transmitiu, as defesas de Arjuna tinham se atenuado; seu entendimento tinha aumentado. Ele havia finalmente aceitado a verdade das palavras do Senhor e havia lutado corajosamente.

No entanto, outra coisa bem diferente era encarar as consequências da guerra, ver a devastação tão de perto e ter participado dela. Enquanto olhava ao redor para o campo de batalha, Arjuna sentiu-se em conflito. Ele havia compreendido e aceitado seu dharma; e o havia cumprido também. Mas agora estava se defrontando com todas as consequências, com os aspectos terríveis e desconfortáveis de fazer o que era virtuoso em um mundo repleto de forças que incentivam o oposto.

— Veja o que toda essa luta causou — lamentou ele para Krishna — Tanta morte! Tanta destruição! A humanidade foi dilacerada. O mundo se desfez. Em tais circunstâncias, quem está seguro? Quem está protegido? Quem pode encontrar refúgio da dor e da loucura? Será que Deus está ao menos observando?

O Senhor Krishna ouviu esse discurso lamentoso de seu amado discípulo. Permaneceu calado. Ele sabia, pela maneira como falava, que Arjuna tinha mais para dizer.

De fato, Arjuna continuou:

— Não acho que ninguém esteja a salvo — disse ele num tom cada vez mais agitado — Não vejo como alguém pode estar protegido. Como poderia? Quem está aqui para dar proteção?

Arjuna continuou por algum tempo nesse tom — questionando, protestando, olhando suplicante para o céu. Finalmente, o Senhor Krishna interveio.

— É isso que você realmente pensa, Arjuna? Que ninguém está protegido?
— perguntou.

Sem nada dizer, Arjuna apontou para a terra estéril ardendo ao seu redor.

— Nesse caso — disse o Senhor — venha comigo.

Ele conduziu Arjuna mais adiante no campo de batalha, até chegarem numa área grande de terra que parecia especialmente devastada. Estava ligeiramente rebaixada e cheia de rachaduras. Muitos guerreiros deviam ter sido mortos nessa terra e muitas *astras*, armas ferozes e sobrenaturais, utilizadas sobre ela.

A alguns passos de distância havia uma pequena árvore. Ela havia sido severamente queimada no decorrer da luta, e sobraram algumas poucas folhas sobre ela. Tudo que restou, além de seu tronco comprido e fino, foi um único galho espichado. Uma pequena pardoca estava empoleirada nesse galho, e seus olhos se moviam rapidamente de um lado para o outro, como se ela esperasse por alguma coisa.

— Ali — disse Krishna a Arjuna, apontando para uma extremidade longínqua da área rebaixada — Está vendo aquilo?

Arjuna deu alguns passos à frente e semicerrou os olhos na direção que Krishna apontava. Sobre o solo havia um sino de latão com uma grossa corda vermelha atada na parte de cima. Devia ter se soltado do pescoço de um dos animais que haviam sido montados na batalha (um cavalo, talvez, ou um elefante). O sino caiu de pé, com a boca para baixo.

Arjuna andou até lá e se agachou perto do sino. Parecia intacto; havia apenas uma fina camada de poeira em sua superfície.

— Parece que estou ouvindo alguma coisa — disse Arjuna de repente. Ele se curvou para chegar mais perto, pressionando seu ouvido contra o metal. Era muito fraco, mas sim, sem dúvida havia algo ali. Parecia o som de alguma coisa arranhando.

— Oh? — disse o Senhor. Seus olhos brilharam — Vá em frente, veja o que tem aí dentro. Levante o sino.

Arjuna obedeceu ao comando do Senhor, estendendo a mão na direção do sino e levantando-o lentamente. O que viu fez com que exclamasse de surpresa.

— Olhe! — disse para Krishna.

Debaixo do sino, repousando confortavelmente sobre um pequeno monte de sujeira, havia um pequeno ovo. Rachaduras apareciam em ziguezague por toda a sua volta, e essas rachaduras se tornavam mais fundas e longas em segundos, conforme alguma coisa lá dentro empurrava: o ovo estava eclodindo.

O Senhor Krishna e Arjuna observaram enquanto a ponta amarela e afiada de um bico apareceu primeiro, depois uma cabeça, uma asa, e finalmente todo um filhote de passarinho saiu confiante do ovo. Seus olhos estavam bem fechados e ele tremia violentamente enquanto se aclimatava ao novo ambiente.

Nesse momento, houve um bater de asas. A pardoca que estava na árvore próxima voou para perto do filhote. Ela envolveu o filhote com sua asa, e a tremedeira dele diminuiu.

Arjuna olhou de relance para o Senhor, que observava este momento delicado entre mãe e filho com um leve sorriso no rosto. O Senhor olhou para cima e seus olhos encontraram os de Arjuna. Em silêncio, Arjuna inclinou a cabeça e colocou as mãos em *pranam*.

À luz do anoitecer, a poeira e a fumaça que pairavam sobre o campo de batalha adquiriram um aspecto nebuloso e cintilante. A mãe passarinho continuava a abraçar seu bebê. Com um último longo olhar para eles, o Senhor Krishna e Arjuna seguiram seu caminho.

Esta história é inspirada em um conto muito conhecido da tradição indiana que é recontado em textos como o Markandeya Purana.

